



Educomunicação em Rádio: uma contribuição para os alunos da Escola Estadual Geraldo Costa Alves na produção e recepção da informação¹

Gilda Soares Miranda²

Andressa de Souza Klein, Rodrigo Fernandes de Sousa, Yasmin Dimanche Vilhena³
Centro Universitário Vila Velha - UVV

Resumo

O presente texto relata um trabalho iniciado em março de 2008, dentro do projeto de extensão em rádio do Curso de Jornalismo, do Centro Universitário Vila Velha - UVV. Na primeira etapa foi resgatada a história da Radioescola Atitude, localizada na Escola Estadual Geraldo Costa Alves (GCA). Alunos e ex-alunos narraram as experiências vividas no cotidiano para manter a rádio funcionando. A segunda etapa investigou os processos vivenciados pelos alunos em práticas educacionais de expressão artística e cultural. Por fim, na terceira etapa, estágio atual, a pesquisa busca compreender a dinâmica de funcionamento da Radioescola Atitude, ou seja, a complexa articulação que possibilita seu funcionamento dentro da escola e o papel pedagógico que ela desempenha junto à comunidade escolar.

Palavras-chave

Radioescola; educação; cotidiano; informação.

Introdução

A práxis educacional no âmbito da escola provoca mudanças importantes: por um lado cria cadeias comunicacionais entre os vários sujeitos que co-existem no ambiente escolar. Por outro, instiga alunos e professores na busca de uma nova linguagem que consiga abarcar a complexidade do cotidiano escolar e aproximar as subjetividades vividas pela comunidade escolar. Estes dois aspectos estão presentes na escola e podem promover uma práxis interdisciplinar e transversal que dê conta de formar um sujeito mais autônomo e crítico.

A questão levantada neste artigo é: como articular esta experiência educacional de tal forma que permita a formação de um sujeito, cuja autonomia só é possível se ele dominar um conjunto de instrumentais para a construção do conhecimento? Que lhe

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, Mestre em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo. Professora do Curso de Comunicação Social da UVV, e-mail: gildasmiranda@yahoo.com.br.

³ Alunos do sétimo período do curso de Comunicação Social/Jornalismo que participam do projeto de pesquisa.



permita pensar conceitual e visualmente de forma crítica, ou seja, que ele possa compreender seu mundo a partir da linguagem escrita, oral ou visual? O desafio é que para nos contrapor à barbarização que a mídia faz com nossa existência, ainda que cumpra um papel muitas vezes importante no processo social, é preciso assumir uma postura crítica diante dos meios, dominando seus códigos e linguagens (VERMELHO, 2002).

Neste contexto estão alguns pontos básicos da reflexão sobre o espaço onde se encontram comunicação e educação. A intercessão dos dois campos reconfigura o cenário da escola, dando-lhe novo significado. Este espaço pode possibilitar a reflexão-ação dos alunos e professores, conciliando o debate sobre a educação para os meios, o fortalecimento dos produtores/receptores da informação e o impacto desse processo de educação para a mídia.

Essa perspectiva coloca em destaque o lugar do receptor como um produtor. Alguém que negocia os sentidos e, assim, significa e ressignifica o produto veiculado na mídia (MARTIN-BARBERO, 2003). É justamente nesse ponto que a educomunicação pode fortalecer o lugar do produtor/receptor, de modo que ele se posicione ativamente em relação ao produto midiático. Nessa direção, é fundamental que a educação para os meios de comunicação entre em espaços como a escola. Assim, à medida que os produtores/receptores (aqui compreendidos como corpo docente, discente e funcionários da escola) se fortalecem, terão mais oportunidade para compreender e questionar o que é veiculado. Afinal, professores e alunos são sujeitos que praticam a escola (CERTEAU, 2004).

A Radioescola pode ser um espaço onde a educomunicação se faz presente com toda a sua riqueza. Ali são tecidas várias práticas emancipatórias dialógicas: o trabalho é coletivo; os temas são problematizados; realiza-se e cria-se um discurso protagonizado pelos alunos, entre outras. De acordo com Baccega (2001) o diálogo desses discursos forma o universo de cada indivíduo, no qual seu cotidiano está inserido. É a partir dessa materialidade discursiva que se constitui a subjetividade de cada um. Para Barreto (2005, p. 146), “[...]discutir o papel específico, hoje, da escola para os vários grupos, suas múltiplas diferenças e distâncias, torna-se neste contexto algo premente [...]a escola é um espaço único e especial [...]um espaçotempo de juntar pessoas[...]”.



Os desafios postos em projetos como o da radioescola têm sido: como redimensionar as atividades pedagógicas para que abarquem a comunicação dentro de uma relação pedagógica? Como despertar o interesse do professor para que ele participe na construção do discurso do aluno expresso na programação da rádio escolar? As radioescolas têm permitido formas variadas de expressão artística e cultural da comunidade escolar? Os alunos se mostram muito interessados em trocar experiências com os professores no espaço da radioescola.

A rádio interna traz para dentro da escola a cultura dos alunos, especialmente aquela gerada pelos meios de comunicação de massa. Isso permite conhecer seu gosto, as idéias com as quais entram em contato, os assuntos que os interessam e as atividades que os entretêm. É possível, através da radioescola, conhecer o que povoa o imaginário dos alunos. Isto pode facilitar a comunicação entre alunos e professores, além de introduzir, de forma agradável, novos conceitos e idéias.

Na sociedade contemporânea, nossas relações com o mundo estão cada vez mais mediadas por recursos tecnológicos, discursivos e lingüísticos do rádio, da televisão e do computador, ou seja, o nosso universo é mediado pelos meios de comunicação. Nesse contexto, as relações no espaço escolar podem ser mediadas também pelos meios de comunicação, especialmente o rádio. A partir desta constatação acreditamos que a escola e seus sujeitos precisam ser repensados.

A nova comunicação proposta para o ambiente escolar pode estar permeada de humanismo e solidariedade, jamais cultivando ou incentivando a dominação e a domesticação de pensamentos e atitudes. O rádio na escola funciona como um instrumento de ampliação das possibilidades de crítica e de intervenções no contexto de vida da comunidade escolar, visto que a discussão/colaboração/realização da programação a ser veiculada, através da rádio, conta com a participação de todos os que freqüentam a escola (MIRANDA, 2007).

Para Costa (2001), os processos de comunicação, mediados pela linguagem audiovisual, dentro das escolas, devem se diferenciar de produções comerciais, porque estão baseados numa metodologia participativa. Ou seja, o aluno/aluna participa da gestão, do



planejamento, da execução e da avaliação do trabalho, o que resulta numa formação plena e num sujeito autônomo, capaz de receber criticamente os meios de comunicação, para não ser manipulado nem como pessoa, nem como cidadão ou como consumidor. A escola é um lugar de enorme potencial de construção e re-construção na vida de crianças, adolescentes e jovens, com condições para interferir decisivamente nesse processo de autonomia do ser humano em formação.

A pesquisa desenvolvida na Rádio Atitude: um pouco da sua história contada pelos sujeitos da escola.

Em março de 2008, alunos do curso de Jornalismo da UVV iniciaram uma investigação acadêmica em comunicação e educação. A proposta inicial era produzir oficinas radiojornalísticas no âmbito do projeto de extensão em rádio, desenvolvido pelo curso de Jornalismo, e aplicá-las na Escola Estadual Geraldo Costa Alves, localizada no entorno da UVV, região periférica do Município de Vila Velha, no Espírito Santo. Após visitar a escola, constatou-se que a mesma já tinha uma rádio que funcionava há cerca de 10 anos, de forma precária e instável, ou seja, passava longos períodos fora do ar. Decidiu-se então promover uma discussão e uma reflexão sobre a prática educacional via rádio na escola.

Desde o primeiro momento, a investigação na Radioescola tinha como base discutir a inter-relação comunicação/educação como um campo de mediação no espaço da Escola Estadual Geraldo Costa Alves. Para Schaun (2002, p. 81)

Quando emerge a questão da inter-relação comunicação/educação, tem-se pouco visível um campo de intervenção social por conta da característica mesma de inter-racionalidade. As ações daqueles que atuam nesse campo são permeadas por uma tentativa de suprir um espaço de dialogicidade e buscam integrar os vários compartimentos do discurso educativo do saber, numa perspectiva de juntar aquilo que foi separado ao longo da história. A questão reside em integrar ao indivíduo o único espaço possível para o resgate e a realização da sua dignidade.

Acreditamos que a comunicação seja um fator importante no processo educativo e que a mediação dos dois campos deve ser construída enquanto valor ético e estético. No processo de construção e veiculação da programação da radioescola os alunos descobrem que o respeito às diferenças e a valorização do outro são elementos fundamentais nos projetos geradores de transformação social. O intercâmbio de idéias



se faz presente e é esta possibilidade que enriquece o processo colaborativo/educativo presente na radioescola.

A Radioescola Atitude, segundo pesquisa dos alunos junto aos fundadores, surgiu no ano de 1997. É uma das mais antigas da Rede Estadual de Ensino do Espírito Santo. O nome dado pelos próprios alunos surgiu durante uma discussão entre eles. Como o projeto já estava pronto e a rádio instalada na escola, os alunos disseram que faltava apenas **atitude** para iniciar o projeto na prática. “A palavra atitude foi percebida por todos nós, naquele momento, como uma excelente opção para nomear a nossa rádio”, afirmou Rubens Vieira Lima, ex-aluno e um dos fundadores da rádio.

Durante a primeira etapa do projeto, de março a junho de 2008, realizada com os alunos da 7ª série do turno vespertino, Rubinho, como é conhecido na escola, foi entrevistado pelos alunos e contou um pouco da história da rádio: “A Rádio Atitude foi um projeto criado por alguns alunos – Rafael Jeferson, Wesley Firmino e eu – e foi a primeira rádio formalmente registrada em escola na Região Metropolitana da Grande Vitória⁴.” A idéia do projeto, desde o principio, era a rádio ser uma prestadora de serviço dentro da escola: passar uma nota, divulgar projetos escolares, participar de campanhas institucionais e debater os assuntos de interesse da comunidade, além de músicas, etc.

Segundo Rubinho, com a proposta de incentivar o debate cultural na escola, a Rádio Atitude tem sido um espaço de descobertas. Ele destacou, por exemplo, o fato de um professor de inglês ter utilizado a rádio para apresentações de danças criadas pelos alunos, no intervalo de aula: “Eu acho importantíssimo. Aliás, sem isso a rádio não sobrevive. Essas são as nossas atrações: rodar música em CD e abrir espaço para shows ao vivo dos alunos. Alguns alunos têm bandas, outros dançam, uns são poetas, outros trabalham com teatro e tal. A rádio é um veículo que divulga o trabalho de cada aluno” (Rubinho, 2008).

A radioescola abre espaço para que os alunos possam mostrar seu talento. Rubinho é músico (compõe, canta e toca violão) e conseguiu reconhecimento do seu trabalho, por parte de toda comunidade escolar, através da rádio. Nas oficinas, ele mostrou algumas

⁴ A informação foi passada por Rubinho numa entrevista concedida aos alunos que participavam das oficinas do projeto de educação em rádio, em junho de 2008.



de suas canções que, enquanto estudante, embalavam a hora do recreio na GCA. Uma das canções, intitulada “Minha Terra”, foi inspirada na paixão dele pelo Espírito Santo. A música entrou no roteiro do programa e emocionou os participantes das oficinas. Todos cantaram o refrão, acompanhando Rubinho.

No resgate da história da Rádio Atitude, descobrimos que no início não havia um espaço definido para a implantação da rádio. Primeiro o estúdio funcionou ao lado da cantina, de forma precária. Depois foi transferido para uma sala, mas ficou ali por pouco tempo porque precisou ser desativado para a implantação do laboratório de química da escola. Em 2004, ou seja, sete anos depois de sua inauguração, a rádio ganhou um espaço próprio, onde está até hoje. O local é estratégico porque tem uma visão ampla de todo o pátio interno. O estúdio tem um tamanho razoável, mas as paredes não têm proteção e todo o barulho externo do pátio pode ser ouvido, o que atrapalha na hora de colocar a rádio no ar, nos intervalos das aulas.

Durante as oficinas, os alunos entrevistaram a coordenadora do turno vespertino, Lêda Maria Marconi de Macedo, que falou sobre a relação dos professores com a rádio e a importância do veículo para a escola: “A rádio na escola, para mim, é muito bacana porque os alunos podem desenvolver a comunicação dentro da escola, passando informações para os colegas e executando as músicas que gostam.” Ela lembrou que um ponto de discussão diz respeito aos gêneros musicais executados na rádio. Os alunos têm por costume ouvir o funk, especialmente o pancadão. A coordenadora Leda, explica: “A gente não acha uma boa este tipo de música na rádio porque ao invés de ser construtiva é destrutiva. Algumas músicas que são meio barra pesada, até incentivam a agressão dentro da escola e isso é muito ruim para nós.” (LÊDA, 2008)

A partir das entrevistas feitas para o programa, os alunos passaram a perceber a importância da rádio. Na entrevista, Rubinho declarou que a Rádio Atitude não precisa mudar muita coisa, porque mesmo do jeito que ela está já ajuda na construção do pensamento dos alunos. “O que precisa é melhorar os equipamentos, pelo menos colocar internet no computador, que não tem. Comprar microfones novos, porque está muito ruim do jeito que está.” (Rubinho, 2008)



Um dos alunos perguntou sobre a importância da radioescola ser implantada em outras escolas estaduais. Rubinho respondeu que é importante o acesso à comunicação para todos: “É importante lembrar que vocês, alunos, com a rádio, têm o poder da comunicação dentro da escola, então cabe a vocês transmitir educação, esporte e cultura acima de tudo. E eu queria aproveitar e pedir para que vocês continuassem esse projeto com todo o coração.”

Ainda na primeira fase do trabalho, os alunos puderam ter contato com a história do rádio no Brasil, as técnicas de redação radiofônica e os gêneros radiofônicos. Ao final da primeira etapa, em junho de 2008, concluímos que ao produzir o programa de rádio o jovem aluno repensa a comunicação como meio de expressividade e o rádio como espaço privilegiado de contato com a comunidade escolar. Ele se torna o protagonista e o ator social da comunicação, capaz de interferir naquela comunidade.

Ao todo, na primeira fase do projeto, foram realizadas sete oficinas de rádio, a partir do dia 2 de abril até final de junho de 2008. Ao término das oficinas foi produzido um programa de 20 minutos resgatando a história da rádio, pouco conhecida pelos alunos da escola. No dia 20 de junho, apresentamos o programa para toda a escola e pudemos observar as expressões de surpresa e satisfação por parte da Diretora, Nilda Duarte, das professoras, alunos e funcionários que se juntaram no pátio para ouvir o programa. Os alunos que participaram das oficinas e produziram o programa explicaram o processo e falaram sobre o aprendizado.

A segunda fase da pesquisa na GCA: O rádio como espaço de expressão da cultura local.

O projeto Radioescola Atitude poderia colocar todos os sujeitos da Escola Estadual Geraldo Costa Alves em posição de atividade, de trocas entre si e responsáveis pela sociabilidade do espaçotempo onde se dá a atividade. Seria um incentivo à criatividade coletiva. Acreditamos que os jovens se identificam com as possibilidades variadas no contexto da escola. Daí que o acesso ao meio tecnológico rádio dentro da escola e ainda a possibilidade de manusear esta tecnologia, experimentando sua linguagem e dando novos sentidos aos seus usos, pode repercutir de forma positiva na auto-estima do aluno



e no currículo vivido (FERRAÇO, 2005)⁵. A construção de um programa de rádio pelos jovens pode significar a desconstrução de muitos outros programas ouvidos por eles, no dia-a-dia, nas emissoras comerciais.

Entre os meses de agosto e novembro de 2008 foi realizada a segunda etapa da pesquisa. Agora não mais com os bolsistas do Projeto de Extensão em Rádio, mas com os alunos do 6º período de jornalismo da UVV, dentro da disciplina de Laboratório de Radiojornalismo. Uma turma da manhã e uma da noite. Ao todo foram realizadas 14 oficinas sobre a história do rádio, técnicas de radiojornalismo, gêneros radiofônicos e educomunicação. Ao final foram produzidos 2 programas de 20 minutos cada. No turno matutino trabalhamos com alunos da 7ª série e no noturno com alunos do Ensino para Jovens e Adultos, o EJA.

No período noturno as preocupações e desejos eram diferentes da turma da manhã. No EJA, os alunos, inicialmente, queriam discutir temáticas como mercado de trabalho, violência, entre outros, mas à medida que as oficinas foram sendo realizadas, percebeu-se que eles iam deslocando a discussão para outro projeto que estava sendo realizado por eles: o teatro na escola. Num trabalho interdisciplinar os alunos estavam produzindo uma peça de teatro. A peça discutia o movimento cultural no Brasil nas décadas de 60, 70 e 80.

A diretora Nilda Duarte já havia nos alertado que a rádio raramente funcionava à noite. A falta de estímulo por parte dos professores gerava o desinteresse dos alunos pela rádio neste horário. A aluna Denise Alves, era uma das que não conhecia a rádio funcionando. “É bom prá gente poder conhecer um pouco sobre a rádio. A nossa turma, por exemplo, nem conhecia a rádio da nossa escola. Estamos achando bastante legal, estamos gostando bastante das oficinas e vamos poder falar sobre o teatro que estamos preparando em sala de aula”.

⁵ O Currículo vivido, segundo Carlos Eduardo Ferraco é onde, de fato, se manifesta, ou não, a concretização do concebido. “O currículo praticado envolve as relações entre poder, cultura e escolarização, representando, mesmo que de forma nem sempre explícita, o jogo de interações e/ou as relações presentes no cotidiano escolar. (FERRAÇO, Carlos Eduardo, **Cotidiano escolar, formação de professores(as) e currículo**. Editora Cortez, 2005)



O envolvimento dos alunos do EJA no projeto de educomunicação chamou a atenção da coordenação da escola. Em entrevista para nosso grupo, Rosângela Lopes, coordenadora no período noturno, declarou: “Quando vocês estão aqui, a gente não vê aluno pedindo prá ir embora, a gente vê eles frequentando mais as aulas, e o nosso intuito aqui é realmente valorizar eles, porque eles chegam aqui, principalmente no noturno, com a auto-estima muito baixa, então a gente tenta levantar o máximo que pode, porque senão eles desistem no meio do caminho” (ROSANGELA, 2008).

Rosângela admitiu que a participação dos alunos do EJA como produtores da programação da Radioescola estava contribuindo para o desenvolvimento da escrita e leitura dos jovens e que o trabalho interdisciplinar levava os alunos a sentirem-se mais motivados. Barreto (2002) explica o envolvimento dos alunos no processo de aprendizado através dos meios de comunicação.

A ‘aura de magia’ que parece cercar as TIC está relacionada à sua fetichização. É como se a sua simples presença garantisse a ocorrência de mudanças significativas no processo de ensino/aprendizagem. É como se os novos objetos técnicos fossem capazes de dar respostas a todos os desafios educacionais, velhos e novos, a serem enfrentados. Para eles podem acabar sendo deslocadas ações que só podem ser desenvolvidas pelos sujeitos, na expectativa dos efeitos de alguma espécie de poção mágica. E o que se perde, neste deslocamento, é justamente o conjunto das ações que podem ser desenvolvidas a partir dos novos objetos técnicos (BARRETO, 2002, p. 46)

Os alunos do 6º período de jornalismo, responsáveis pelas oficinas, observaram na prática a importância da educomunicação. Guilherme Ferrari integrante do grupo constatou que boa parte dos alunos não conhecia como é fazer um programa de rádio. Eles estavam acostumados só a ouvir. Então, aprender para poder chegar a um produto final, que é o programa de rádio, “eu acho que é bastante interessante, né? E nós, podemos, como alunos de graduação em jornalismo, recuperar e fortalecer o conteúdo aprendido em sala de aula”.

Descobríamos, a cada contato com os alunos, que hoje eles estão “[...]embebidos de outras linguagens, saberes e escrituras que circulam pela sociedade. Estes configuram os saberes-mosaico, como os chamou A. Moles, porque são feitos de pedaços, de fragmentos” (MARTÍN-BARBERO, 2000, p.55). Na complexidade do cotidiano dentro da escola, descobríamos que era preciso muita negociação e compreensão, de ambas as



partes, para se chegar a um consenso sobre o que fazer e como fazer as ações ou articulações educacionais.

Se no turno da noite os alunos do EJA estavam produzindo teatro, no matutino, os alunos do primeiro ano do ensino médio, com o incentivo e orientação da professora de português, Ângela Cristina Lovati, tinham realizado vários curta-metragens. Quando chegamos à escola, eles estavam se preparando para a estréia dos filmes e a escola toda estava envolvida no processo. As discussões nas oficinas também foram impregnadas com o tema cinema na escola. A partir desta realidade não tivemos dúvida: o programa de rádio discutiria a importância da produção cinematográfica na escola e os alunos/autores/diretores/atores narrariam a experiência vivida.

Foram feitas entrevistas com os professores envolvidos no projeto e com o cineasta capixaba, Gui Castor. O programa foi gravado, editado e montado pelos alunos da GCA, com a orientação dos estudantes de jornalismo da UVV. A aluna de jornalismo Kika Oliveira, falou sobre o trabalho desenvolvido pelos alunos do ensino médio: “Eles foram realizadores de curtas-metragens dentro do ambiente escolar, produzindo, dirigindo e atuando nos vídeos e conseguiram, de forma simples, sem recursos quase nenhum e apenas com a vontade deles, apresentar a realidade que vivem” (KIKI, 2008).

Para a aluna de jornalismo, Angélica Salazar: “Eles participaram das oficinas de rádio de forma lúdica e utilizaram o cinema para promover debates de um tema que é corriqueiro na sociedade: o envolvimento dos jovens com as drogas”. A capacidade de produção e o nível de criatividade dos alunos nos levou a acreditar, assim como Oliveira (2002) que as relações entre os sujeitos sociais e as tecnologias da vida cotidiana não são apenas de consumo, mas que, nessas relações, os sujeitos introduzem novidades e modificações que evidenciam a capacidade do homem comum de agir sobre um saber sacralizado pelos apólogos da tecnociência.

Terceira Fase da Pesquisa: o rádio como mediador do diálogo entre alunos e professores.



O rádio na escola possibilita um “acordo” que reconhece as potencialidades de cada um e as respeita, uma vez que cada individualidade é o lugar onde atua uma pluralidade complexa e muitas vezes contraditória. Essa complexidade e essa contradição estão atravessadas por experiências vividas pelos sujeitos da escola. A partir deste pressuposto, a atual fase da pesquisa, iniciada em abril, quer incentivar a comunidade escolar, especialmente os alunos, a estruturar seu discurso de forma a refletir o espaço dentro e fora da escola, ou seja, o cotidiano de cada sujeito no contexto da sua comunidade.

A pesquisa, em 2009, objetiva acompanhar a produção da Radioescola Atitude, tendo como suporte a teoria da educomunicação e a metodologia da pesquisa com o cotidiano⁶. A proposta em curso parte do pressuposto de que é indispensável que haja uma maior interação, portanto, um maior conhecimento das práticas de comunicação e educação por ambas as áreas. Concorrem para definir este cenário, fatores intrínsecos ao processo de educomunicação, envolvendo tanto quem fala como quem produz a informação e ainda o receptor. Entender o rádio como um mediador nessa relação é o desafio do nosso trabalho.

O rádio dentro da escola pode influenciar no processo de reconstrução das subjetividades dos alunos das escolas públicas de periferia, como é o caso da GCA, com baixa auto-estima. O rádio tem seus usos comuns pela maioria dos receptores, investigados por pesquisas científicas, mas a radioescola, suas produções e usos pelos alunos das escolas públicas, ainda estão pouco conhecidos no campo científico.

A presença do rádio dentro da escola tem sido uma forma de valorizar a produção/circulação do saber, através da cultura oral, com seu idioma próprio, ou seja, a espontaneidade da narrativa feita pelos alunos, antecedida por uma leitura e escrita criativas. Para Martín-Barbero (2000) a oralidade cultural das maiorias deve caber dentro da escola: as piadas, as narrativas orais, o mundo dos provérbios e dos ditos populares, a música popular, as narrativas do *rap* e outras formas de comunicação que têm suas próprias gramáticas e estão presentes com muita força nos meios populares,

⁶ Nesta fase atual, a pesquisa conta com o apoio da Fundação Nacional de Desenvolvimento do Ensino Superior Particular – FUNADESP e será realizada até o mês de novembro/09, na Escola Estadual Geraldo Costa Alves. Participam da pesquisa a professora orientadora e mais quatro alunos do sétimo período de jornalismo da UVV.



nas comunidades que residem nas periferias, no entorno das escolas públicas, lócus da nossa pesquisa.

Quando retornamos à Escola Geraldo Costa Alves, em abril, para saber se a semente que plantamos havia brotado, nos deparamos com aspectos positivos e negativos. A diretora Nilda relatou a paralisação das atividades da rádio no início do ano letivo de 2009, por falta de estrutura: defeito na mesa de som, microfone quebrado, entre outras coisas. Ela declarou, no entanto, que os alunos que fizeram as oficinas de rádio mudaram prá melhor. “As notas melhoraram, eles ficaram mais empenhados com a rádio e com a escola. Melhorou a auto-estima e isso é maravilhoso. Teve uma aluna que precisou mudar de escola porque a família saiu do bairro e ela foi chorando por causa da rádio” (NILDA, 2009).

Nilda nos contou era que duas semanas antes de chegarmos, a escola tinha recebido uma Gestora Educacional, uma professora que foi selecionada pela Secretaria de Estado da Educação para agilizar os projetos e intermediar as necessidades da escola junto ao Governo do Estado. Marcamos então uma reunião para conhecer a gestora educacional. Nilda nos informou que a partir das expectativas geradas com a nova funcionária, ela substituiu o computador velho da rádio por um novo, mas ainda sem internet. Foram instaladas 12 novas tomadas no estúdio e foi comprado um novo microfone. A gestora educacional Renata Lírio Ferraz, segundo Nilda, passaria a auxiliar o nosso grupo de pesquisa a partir de então.

O segundo encontro nosso com a direção da escola já contou com a presença da professora Renata. Há apenas duas semanas no cargo de gestora educacional da GCA, já havia feito um projeto para a Rádio Atitude. Na justificativa o documento trazia o seguinte trecho: “Implementar a linguagem de rádio no processo de ensino cria uma nova alternativa para estimular a melhoria da qualidade na educação, trazendo à busca do conhecimento, um ar mais leve e agradável para todos que se envolverem no projeto”. Ainda no projeto, a professora Renata colocava como um dos objetivos da rádio “melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas no ambiente escolar”. Entendemos que era o que faltava para que pudéssemos iniciar uma discussão sobre educomunicação envolvendo não só os alunos, mas também os professores da escola.



A expectativa é que sejam realizadas oito oficinas entre os meses de agosto e novembro de 2009 e um programa radiofônico de vinte minutos, como resultado prático das oficinas. Junto com os alunos da GCA tentamos responder às seguintes perguntas: quem somos nós e o que queremos na Escola Geraldo Costa Alves? Qual a importância de uma rádio interna na escola? O trabalho que desenvolvemos no nosso dia-a-dia e na nossa radioescola tem trazido contribuições à comunidade escolar? Quais são os equipamentos que compõem a rádio? Qual é o conteúdo veiculado? O que precisa para melhorar a rádio? Mas, afinal, o que é o veículo de comunicação rádio?

Conclusão

Ao abordarmos o tema radioescola neste trabalho, tivemos a intenção de problematizar algumas questões: a radioescola como um espaço importante de tessitura de processos de comunicação e educação alternativos/comunitários e/ou experimentais, voltados, principalmente, para o exercício da cidadania⁷, ou seja, os conteúdos que constituem a sensibilidade dos adolescentes e jovens que freqüentam a escola; os usos que a comunidade escolar faz desse instrumento importante de comunicação e educação.

Neste sentido, faz-se necessário destacar que na Geraldo Costa Alves há um consenso com relação à importância da emissora dentro da escola. Diríamos até que ela já é parte intrínseca daquele ambiente. Identificamos, no entanto, que apesar do apego à rádio, enquanto veículo que tenta superar com alegria e descontração um ambiente que se pressupõe sisudo, a radioescola é pouco ou quase nada utilizada/usada/praticada pelos professores como forma de estimular os alunos a trabalhar em equipe e a que sejam eles próprios os produtores de conhecimentos em rede.

Mesmo com o distanciamento dos professores do fazer cotidiano da radioescola, os alunos demonstram compromisso, sentimento de pertencimento e envolvimento com a rádio. Os alunos são os sujeitos que protagonizam a rádio. Este protagonismo acontece porque os alunos descobrem, com sua criatividade e esforço, os mais inusitados usos da

⁷ Para Soares, “O conceito de comunicação está intimamente associado ao conceito de cidadania. [...] Por outro lado, os meios, especialmente a imprensa, sempre estiveram próximos ao mundo da educação”. (SOARES, Ismar de Oliveira. In: **Comunicação para a Cidadania**, INTERCOM, UNEB, 2003)



rádio. Aprendem mesmo sem ter quem os ensine. Aprendem fazendo, investigando, descobrindo, cooperando, transgredindo, ousando, participando, errando e acertando.

No entanto podemos dizer que as preocupações com a qualidade do som, da fala, do conteúdo escrito, da estética dos programas, do manuseio do equipamento; o esforço diário para acertar, no sentido de tornar a programação mais agradável e aceita por um número cada vez maior de alunos são indícios do comprometimento dos alunos/sujeitos com a radioescola.

A radioescola é um lugar importante de inventividade dos sujeitos dentro da escola. Os conhecimentos teóricos e práticos circulam, além de serem produzidos, reproduzidos e apropriados pelos sujeitos. A partir dessa constatação, insistimos que não há repetição/rotina nesse lócus de conhecimento. Há sim, uma profusão de novidades a cada dia, ou seja, todo dia mostra-se diferente para quem se deixa envolver nesta teia ou rede de conhecimentos.

Referências bibliográficas

BACCEGA, Maria Aparecida. Linguagens da Comunicação. In: SOARES, Ismar de Oliveira (org.). **Caminhos da Educomunicação**. São Paulo: Editora salesiana, 2001.

BARRETO, Raquel Goulart. A presença das tecnologias. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo (org.). **Cotidiano escolar, formação de professores(as) e currículo**. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. Tecnologias nas salas de aula. In: LEITE, Márcia e FILÉ, Valter (orgs.). **Subjetividade, tecnologias e escolas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2004.

COSTA, Maria Cristina Castilho. Educomunicador é preciso! In: SOARES, Ismar de Oliveira (org.). **Caminhos da Educomunicação**. São Paulo: Editora salesiana, 2001.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Currículo, formação continuada de professores e cotidiano escolar: fragmentos de complexidade das redes vividas. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo (org.). **Cotidiano escolar, formação de professores(as) e currículo**. São Paulo: Cortez, 2005.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios Culturais da Comunicação à Educação. In: **Revista Comunicação & Educação**. São Paulo: Editora Segmento, nº 18, 2000.

_____. **Dos Meios às Mediações**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2003.



MIRANDA, Gilda Soares. **Currículo e Cotidiano: Os usos dos sujeitos praticantes na/da Radioescola Clóvis Borges Miguel**. Vitória, ES 2007. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Federal do Espírito Santo.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. A rebeldia do/no cotidiano: regras de consumo e usos transgressores das tecnologias na tessitura da emancipação social. In: LEITE, Márcia e

FILÉ, Valter (orgs.). **Subjetividade , tecnologias e escolas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SCHAUN, Ângela. **Educomunicação: Reflexões e Princípios**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação e Cidadania: a construção de um campo a partir da prática social. In: PERUZZO, Cicília Maria Krohling e ALMEIDA, Fernando Ferreira de (orgs.). **Comunicação para a Cidadania**. São Paulo: INTERCOM; Salvador: UNEB, 2003.

VERMELHO, Sônia Cristina. Algumas reflexões em torno da tecnologia como expressão da subjetividade. In: LEITE, Márcia e FILÉ, Valter (orgs.). **Subjetividade , tecnologias e escolas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.